COMO INTEGRAR

FÉ & TRABALHO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy

Como integrar fé e trabalho: nossa profissão a serviço do reino de Deus/ Timothy Keller e Katherine Leary Alsdorf; tradução de Eulália Pacheco Kregness. – São Paulo: Vida Nova, 2014.
240 p.

ISBN 978-85-275-0574-1
Título original: *Every good Endeavor: Connecting Your Work to God's Work*

1. Trabalho – Aspectos religiosos – Cristianismo 2. Vida religiosa 3. Sacerdócio 4. Fé I. Título II. Kregness, Eulália P.

14-0223 CDD 253

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida religiosa – sacerdócio

Autor best-seller do *The New York Times*

TIMOTHY KELLER

e Katherine Leary Alsdorf

COMO INTEGRAR FÉ & TRABALHO

Nossa profissão a serviço do reino de Deus

tradução

Eulália Pacheco Kregness

VIDA NOVA

Copyright ©2012 Redeemer City to City e Timothy Keller
Título original: Every Good Endeavor: Connecting Your Work to God's Work
Traduzido a partir da primeira edição publicada pela Dutton, empresa pertencente ao Penguin Group, EUA.

1.ª edição: 2014

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0574-1

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

SUPERVISÃO EDITORIAL
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

EDIÇÃO DE TEXTO
Curtis A. Kregness
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COPIDESQUE
Rosa M. Ferreira

REVISÃO DE PROVAS
Fernando Mauro S. Pires

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO GRÁFICA
Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO
Luciana Di Iorio

CAPA
Wesley Mendonça

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada com todos os direitos reservados por Edições Vida Nova.

À equipe e aos líderes voluntários do Center for Faith & Work [Centro para Fé e Trabalho] da Redeemer Presbyterian Church, que têm levado nossa congregação a entender que o evangelho transforma de verdade todas as coisas.

Sumário

Agradecimentos 11

Prefácio de Katherine Leary Alsdorf 13

Introdução 19

Parte Um

O plano de Deus para o trabalho 33

UM

O *design* do trabalho 35

DOIS

A dignidade do trabalho 45

TRÊS

O trabalho como cultivo 55

QUATRO

O trabalho como serviço 63

Parte Dois

Nossas dificuldades com o trabalho 79

CINCO

O trabalho se torna infrutífero 81

SEIS

O trabalho perde o sentido 95

SETE

O trabalho se torna egoísta 109

OITO
O trabalho revela nossos ídolos 123

Parte Três
O evangelho e o trabalho 145
NOVE
Novo enredo para o trabalho 147
DEZ
Novo conceito de trabalho 171
ONZE
Nova direção para o trabalho 185
DOZE
Novo poder para o trabalho 213

Epílogo: Orientando os cristãos a integrar fé e trabalho 227

Biografia dos autores 237

Em 1957, vivenciei, pela graça de Deus, um despertamento espiritual que resultou em vida mais produtiva, mais rica e mais completa. Naquela época, como forma de gratidão, pedi humildemente os recursos e o privilégio de levar felicidade às pessoas por intermédio da música. Creio que isso me foi concedido pela graça de Deus. A ELE SEJA TODA A GLÓRIA...

Este álbum é uma oferta humilde a Deus. Uma tentativa de dizer "MUITO OBRIGADO, SENHOR" por meio do trabalho que realizamos com o coração e os lábios. Que Deus ajude e fortaleça a todos em toda boa obra.

John Coltrane, extraído do encarte de *A Love Supreme*

Agradecimentos

O nome da Katherine e o meu estão na capa deste livro, mas o capitão do time é Scott Kauffmann, cujos conselhos e extenso trabalho editorial foram cruciais para sua existência. A longa experiência no mundo corporativo e a perspicácia, assim como o traquejo com as palavras, habilitaram Scott de modo extraordinário a nos conduzir na produção deste trabalho conjunto. Se este livro lhe for útil, caro leitor, agradeça ao Scott. Como sempre, sou grato a David McCormick e Brian Tart, cujo apoio editorial continua favorecendo o crescimento literário da Redeemer Church.

Também tenho de reconhecer o impacto que dois amigos tiveram na compreensão que tenho do assunto deste livro. Mike Bontrager e Don Flow são cristãos envolvidos com o mundo corporativo que, a meu ver, aliam a fé evangélica ao trabalho diário por meio de uma integração fiel e repleta de contentamento. Minha tarefa é expor as Escrituras e fazer discípulos, mas sem o exemplo deles — e sua habilidade em me discipular — eu não teria entendido tão bem muito do que a Bíblia ensina sobre trabalho.

Por fim, meus agradecimentos àqueles a quem este livro é dedicado — a equipe e os líderes leigos do Centro para Fé e Trabalho de nossa igreja — por enfrentarem as dificuldades e analisarem as implicações da integração entre fé e trabalho. Só podemos escrever a respeito porque vocês fazem tudo isso. Sob a liderança da Katherine, a equipe do CFW — Kenyon Adams, Chris Dolan, Calvin Chin, Maria Fee, David Kim e Amilee Watkins — não apenas leu e aprendeu, discutiu e aplicou, desenvolveu e ensinou a teologia do trabalho apresentada neste livro. Eles se dispuseram a vivê-la no trabalho — ou seja, analisaram suas próprias motivações, aplicaram o evangelho aos próprios corações, testemunharam a mudança que lhes aconteceu e trabalharam com a alegria resultante da profunda apreciação bíblica do trabalho. Nossos líderes

leigos, em meio às dificuldades e aos aborrecimentos de suas profissões e atividades, estão lutando com Deus em relação a seus próprios desejos e motivações porque desejam vê-lo trabalhando. São transparentes a fim de ajudar outros a crescer no conhecimento e na prática. Parabenizamos vocês, pois, ao fazerem o que fazem, vocês testemunham do evangelho — as boas-novas do reino vindouro de Deus — na cidade onde o Senhor os colocou.

Prefácio

Em 1989 uma amiga insistiu para que eu visitasse sua igreja, que começava a se formar em Manhattan e chamava-se Redeemer Presbyterian Church. Havia alguns anos, eu me sentia plenamente vacinada contra igrejas, convencida de que a religião de minha família continha mais forma do que substância e de que todas as lições que porventura tivesse aprendido quanto ao assunto haviam sido rapidamente superadas pelo pensamento esclarecido por meus estudos. Contudo, a Redeemer captou minha atenção de várias maneiras: o pastor era inteligente e falava como gente comum, parecia levar a Bíblia muito a sério e buscava aplicá-la a aspectos da vida que me eram importantes — como o meu trabalho.

Alguns anos depois, tomei a decisão de abraçar a fé e "entregar minha vida" às verdades e promessas da Bíblia. Admito que tive medo de que esse compromisso matasse minhas ambições profissionais e regalias materiais, pois dois de meus irmãos que haviam se tornado cristãos foram "chamados" a ser missionários em outros países. Um deles vivia em uma área rural da África sem água corrente nem eletricidade. Se eu estava mesmo decidida a colocar Deus em primeiro lugar, teria de aceitar seu chamado para servi-lo *onde quer que* fosse. E ele de fato chamou. Algumas semanas após minha decisão, fiquei perplexa com a doença repentina que acometeu meu chefe, o diretor-executivo da empresa — e com seu pedido para que eu o substituísse à frente dos negócios. Em vista das circunstâncias, entendi que a vontade de Deus era que eu fizesse minha parte não no terceiro mundo, e sim no mundo dos negócios.

Na década seguinte, exerci liderança executiva em várias empresas de tecnologia na cidade de Nova York, na Europa e no Vale do Silício [Califórnia]. Em cada trabalho e a cada dia eu me debatia com o que significava ser "chamada para servir a Deus" como líder no campo empresarial. A Redeemer Church e

Tim Keller, seu pastor sênior, tinham me oferecido bons fundamentos. Entendi que deveria ser transformada pelo evangelho de Jesus Cristo e, portanto, ser "usada por Deus" em meus relacionamentos, quem sabe até ser diferente na maneira de gerenciar as empresas. Belos conceitos, mas como funcionavam na prática?

Os exemplos eram poucos e, aos meus olhos, pareciam remanescentes de uma época em que a maioria dos americanos ia à igreja. Um diretor-executivo me disse que deixava uma Bíblia em cima da escrivaninha e que de vez em quando alguém perguntava o motivo. Outro costumava orar pelos negócios, e a empresa estava indo de vento em popa. Para muitos o trabalho era o meio principal de ganharem muito dinheiro que seria destinado a instituições de caridade e organizações de sua preferência. Quando perguntei a pastores e empresários de que modo sua fé se relacionava ao trabalho que exerciam, geralmente a resposta era que a missão principal, se não única, do cristão no ambiente de trabalho era evangelizar os colegas. Contudo, a maioria dos empresários se apressava em esclarecer que evangelismo não era um de seus dons. Nenhuma das respostas abordava a questão de como a fé deveria influenciar a *maneira* de o cristão trabalhar.

O mundo emergente da inovação tecnológica, especialmente na década de 1990, era muito cheio de si. Os empresários e engenheiros eram vistos como deuses em nossa cultura, e a tecnologia era a resposta para todos os problemas do mundo. Meus funcionários demonstravam mais fervor evangélico quanto à visão (e tecnologias) da empresa do que os membros de qualquer igreja que eu havia conhecido. A esperança gerada por uma IPO[1] era bem mais tangível e motivadora do que os cenários etéreos do céu retratados pelo mundo cristão. Na maior parte do tempo eu trabalhava com gente muito boa — pessoas maduras, de caráter admirável, que se esforçavam para contribuir de modo significativo com a sociedade e que pareciam não necessitar de igreja ou do Jesus da Bíblia para fazer isso. Com pessoas que não partilhavam de minha fé, aprendi lições inestimáveis sobre alegria no serviço, paciência e esperança, trabalho de equipe e sinceridade no falar. Pelo jeito, os membros de minha

[1]Sigla de *inicial public offering*, expressão que se refere à entrada de uma empresa no mercado de ações. [N. do T.]

equipe que passavam o fim de semana em retiros de meditação voltavam mais renovados do que as pessoas que cultuavam juntas no domingo em uma igreja evangélica. Passei a ver meu trabalho mais como um cadinho em que Deus estava me esmagando, me moendo e refinando do que um local onde eu o servia de modo ativo e eficiente.

Eu cria na verdade do evangelho — que Deus criou todas as coisas, criou o homem à sua imagem e enviou seu Filho para resgatar tudo o que se havia perdido. Também acreditava que Deus tinha um plano para mim como funcionária e líder, bem como para muitas outras pessoas com potencial de transformar o mundo para melhor. Entretanto, no mundo corporativo que gerenciava e liderava, onde a competitividade nos empurra a vencer a qualquer preço, eu não fazia a menor ideia de como colocar em prática o plano de Deus.

Com exceção da Redeemer Presbyterian Church, as igrejas que encontrei não ofereciam muita orientação sobre como eu deveria fazer isso. A maioria dos pastores se preocupava mais em nos ajudar a servir dentro da igreja do que em nos discipular e equipar para servir no mundo. No final da década de 1990, nos tempos de expansão no Vale do Silício, muitas igrejas pareciam indiferentes a qualquer tipo de decadência do mundo ou de si mesmas. Muitos dos que se importavam verdadeiramente com os pobres não tinham noção de como os sistemas, estruturas e metodologias industriais contribuíam para as rupturas na sociedade. O ato de exercitar a fé no ambiente de trabalho me parecia relegado a pequenos gestos simbólicos, à abstenção moralista de certos comportamentos e a certos posicionamentos políticos a respeito das mais importantes questões culturais e jurídicas do momento.

A última empresa que gerenciei me ofereceu uma experiência fantástica de liderança. Ocupei o lugar de seu fundador, que havia induzido a maioria de sua equipe e seus primeiros clientes a ter uma visão extraordinária de inovação de produto e riquezas provenientes de IPO. No início do ano 2000, os bancos de investimento brigavam pela compra de nossa empresa, cortejando-nos com cifras potenciais de 200 a 350 milhões de dólares em IPO. Ainda não tínhamos os produtos, mas vários estavam em fase de desenvolvimento e sendo testados por clientes em potencial. Minha tarefa era conquistar a confiança da equipe, dos investidores e dos clientes, enquanto colocava no mercado produtos que cumprissem o prometido e gerassem equilíbrio financeiro à empresa.

A pressão para avançarmos nessas áreas era incessante. Durante o processo, eu pensava desesperadamente sobre o lugar do evangelho nisso tudo. Algumas observações que fiz naquela época foram:

- O evangelho me garante que Deus se importa com tudo o que realizo e ouve minhas orações. Ele talvez não responda como desejo e, se não o faz, é porque sabe de coisas que eu desconheço. Meu grau de sucesso ou fracasso é parte de seu plano excelente para minha vida. Deus é minha fonte de poder e perseverança.
- O evangelho ensina que Deus se importa com os produtos que fabricamos, as empresas para as quais trabalhamos e os clientes a quem servimos. Além de nos amar, Deus também ama o mundo e espera que o sirvamos com excelência. Meu trabalho é um caminho decisivo para Deus cuidar dos seres humanos e renovar seu mundo. Deus nos dá visão e esperança.
- O evangelho significa boas-novas, boas notícias. Nas palavras do pastor e conselheiro Jack Miller: "Alegre-se: você é um pecador bem pior do que ousa imaginar e muito mais amado do que ousa esperar".[2] Ou seja, continuarei errando e pecando, mas ainda assim Deus prevalecerá em minha vida por meio de sua bondade e graça.
- O evangelho confere significado ao nosso trabalho como líderes. Devemos tratar dignamente todas as pessoas e o trabalho que realizam. Temos de proporcionar um ambiente onde os funcionários se desenvolvam e usem os talentos que Deus lhes deu para melhorar a sociedade. Temos de personificar graça, verdade, esperança e amor nas organizações que construímos.
- Devemos dar testemunho de nosso relacionamento com Deus e de sua graça para conosco na maneira de falar, trabalhar e liderar, não como se fôssemos exemplos de perfeição, mas como aqueles que apontam o caminho de Cristo.

[2] C. John "Jack" Miller foi pastor da New Life Presbyterian Church, da qual a família da autora fez parte na década de 1980. Embora, até onde sabemos, a frase não tenha sido publicada em nenhum livro de Jack, ele a repetia com frequência em suas pregações e palestras.

Após um ano e meio de trabalho implacável, a empresa faliu. Fazíamos parte da bolha da Internet e, quando ela estourou, fomos juntos. Embora nosso produto tenha sido lançado no mercado na data prevista, não conseguimos levantar o dinheiro adicional necessário depois que o investimento inicial secou. Contratamos agentes financeiros para encontrar um comprador que, ao menos, nos permitisse conservar o produto no mercado, manter alguns funcionários trabalhando e fornecer algum retorno aos nossos investidores. No entanto, as oscilações do mercado assustaram o comprador com quem estávamos negociando, que acabou desistindo poucos dias antes da assinatura do contrato. Tive de dispensar uma centena de funcionários no dia seguinte e, depois, vender nossa propriedade intelectual.

Como é que todo esse trabalho duro e bem-feito deu tão errado? Minhas indagações e meus protestos a Deus eram feitos em nível pessoal, empresarial e industrial. Por que Deus não nos levara ao sucesso quando era óbvio que me havia "chamado" para realizar esse trabalho? Tentei ser justa com nossos funcionários e agora eles estavam desempregados em um mercado em colapso. Fiquei imaginando se eu não havia contribuído para a "bolha da Internet e sua explosão" por causa da visão de nossa empresa de obter rendimentos e valorizações estratosféricos e imediatos. Quais eram minhas responsabilidades diante de nossos acionistas e da sociedade em geral? Os únicos empresários cristãos que eu tinha ouvido davam crédito a Deus pelos grandes sucessos alcançados; como eu deveria lidar com o fracasso? Eu queria um evangelho que anunciasse boas notícias até mesmo nessa situação.

Algo extraordinário aconteceu quando avisei aos funcionários que a empresa fecharia as portas no dia seguinte, embora só algum tempo depois eu tenha entendido plenamente a dádiva e a beleza absoluta do acontecido. Os funcionários, inteiramente por conta própria, compareceram no dia seguinte com o propósito de celebrar uns aos outros e o trabalho que haviam realizado. Apesar do gostinho de tristeza que permeava a festa, alguns funcionários trouxeram instrumentos musicais e cantaram para o grupo, outros fizeram demonstrações de *tai chi* que aprenderam em aulas realizadas após o expediente e todos riram se lembrando dos momentos divertidos que passaram juntos. Fiquei de queixo caído. Eles estavam dando honra a uma cultura, a uma organização que lhes havia proporcionado alegria no trabalho e nos relacionamentos — apesar

do resultado final. Mais tarde, passei a ver aquele dia como um vislumbre de Deus no ambiente de trabalho, na maneira de Deus fazer as coisas: curando, renovando e redimindo.

Poderíamos chamar de justiça poética o fato de que a resposta à desilusão total que sofri quanto à falta de apoio das igrejas veio seis meses depois, quando a Redeemer Presbyterian Church me convidou para retornar a Nova York e ajudar na implantação de um ministério no mundo corporativo. Após uma década lutando com Deus, analisando o poder transformador do evangelho e reclamando da falta de orientação e apoio da igreja no ambiente de trabalho, recebi a chance de ajudar outros a dar um testemunho melhor da esperança e verdade do evangelho em seu chamado profissional.

Este livro reúne algumas diretrizes fundamentais de entendimento sobre Deus, Jesus e o Espírito Santo; sobre quem somos em relação a essa Trindade divina; e sobre como tudo isso afeta o trabalho para o qual fomos criados. Nosso modo de trabalhar — no contexto de nossa cultura particular, da época da história em que vivemos, de nossa vocação e organização — é algo que todos temos de avaliar muito bem em nossas comunidades. Todas as respostas, no entanto, dependem desta teologia fundamental: saber quem Deus é, entender seu relacionamento com os seres humanos, seu plano para o mundo e como as boas-novas (o evangelho) sobre Jesus Cristo viram de cabeça para baixo nossa vida e a maneira de trabalharmos.

Sou grata a Tim Keller por aplicar o evangelho à carreira profissional em sua liderança e mensagens nestes últimos 25 anos. Também sou grata por ele ter investido tempo em transformar esses fundamentos em livro, de modo que todos nós possamos ir mais fundo e descobrir como Deus quer que vivamos fielmente em nossa área de trabalho.

Katherine Leary Alsdorf
Diretora-executiva do Centro para Fé e Trabalho
da Redeemer Presbyterian Church